
SESSÕES DO PLENÁRIO

42ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 05 de novembro de 2009.

PRESIDENTE: DEP. MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial com a finalidade de discutir a representação negra evangélica na Bahia, proposta pelo meu querido amigo deputado Ivo de Assis.

Convido para compor a Mesa o nobre deputado proponente desta sessão, deputado Ivo de Assis (palmas); o Sr. Promotor Público de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa, Dr. Almiro Sena, representando o Ministério Público (palmas); o Sr. Vereador da Cidade do Salvador Isnar Araújo (palmas); o Sr. Bispo Gutemberg, representando a Igreja Universal do Reino de Deus (palmas); o Exmº Sr. Presidente da Associação Moneba, Movimento Negro Evangélico, Manassés (palmas); a Srª Presidente da Associação Nacional dos Advogados Afrodescendentes, Conselheira Federal da OAB, Drª Sílvia Cerqueira (palmas) e o Sr. Juiz de Paz, representante da Ordem Brasileira de Juiz de Paz Arbitral e Eclesiástica, Ailton Borges (Palmas)

Convido a todos os presentes para ouvir o Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromisso assumido anteriormente, vou ter que me ausentar, mas antes gostaria de parabenizar o deputado Ivo de Assis por propor esta sessão especial nesta tarde muito importante para a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

O deputado Ivo de Assis, primeiro mandato, chegou a esta Casa e é uma pessoa que crê muito em Deus. Além disso, ele crê neste Parlamento, tornou-se um dos parlamentares mais respeitados e queridos aqui. É dos mais assíduos, um parlamentar que sabe ser apenas um delegado do povo da Bahia para ser seu representante nesta Casa, sempre amando o próximo e exercendo seu papel com muita dignidade e muito respeito ao nosso Estado.

Deputado Ivo, a Igreja Universal do Reino de Deus sempre elegeu para este Legislativo parlamentares que, quando vêm para cá, marcam história, como a deputada Zelinda Novaes e os deputados Eliedson, José de Arimatéia e Márcio Marinho, hoje deputado federal, um dos melhores amigos que tive nesta Assembleia.

Portanto, deputado Ivo, em meu nome e no do Parlamento, gostaria de parabenizá-lo não apenas por esta sessão especial - que sei ser muito importante -, mas também pelo seu mandato, que V.Exª tem desempenhado com muito respeito, muito amor, muito carinho e muita responsabilidade.

Esta é a Casa do povo. Nós todos somos iguais. Nós todos somos filhos de Deus baianos e brasileiros e chegamos aqui para defender o nosso Estado, independentemente de conotação partidária. Este Poder é uma Casa política, onde os parlamentares chegam através dos partidos políticos, cada um com sua ideologia, cada um com seu interesse político, cada um com seu pensamento, mas com um único objetivo: servir à nossa Bahia.

Aqui existem representações de todos os segmentos da sociedade: do preto, do branco, do baixo, do alto, do gordo, do magro, do jovem, do idoso. Mas os parlamentares, quando vêm para cá, têm o objetivo de servir ao nosso Estado, porque nós somos a Casa das Leis, somos nós que as elaboramos, e vocês são obrigados a cumpri-las. Aliás, todos nós temos de cumpri-las e somos três Poderes: o Executivo, que executa as leis; o Legislativo, que as elabora; e o Judiciário, que as interpreta. Portanto, nós somos independentes, mas harmônicos.

Deputado Ivo, tenho de me ausentar porque vou a um evento com S.Ex^a o governador Jaques Wagner, mas gostaria não só de parabenizá-lo por esta sessão, mas também pelo seu trabalho. Quero dar a todos os bispos, todos os pastores, todos os segmentos parabéns pelos representantes que mandam para esta Assembleia, que é uma Casa difícil, a Casa do contraditório, uma Casa política, mas onde todos nós temos um único objetivo: servir ao próximo, porque nós só somos e estamos felizes quando servimos ao próximo.

Deputado Ivo, passo a presidência dos trabalhos a V.Ex^a desejando-lhe sucesso na continuação desta sessão especial.

Muito obrigado. (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero agradecer ao presidente Marcelo Nilo pelas palavras carinhosas a meu respeito. Realmente não é fácil. É a Casa do contraditório, como ele bem colocou. Aqui nós temos vários representantes dos mais diversos segmentos, existem várias discussões acirradas no âmbito das Comissões, às vezes até no Plenário, mas o propósito é realmente fazer um trabalho que venha a favorecer o povo da Bahia.

Quero agora passar a palavra ao bispo Gutemberg para que ele possa, então, fazer uma oração pedindo a Deus que venha realmente abençoar esta sessão, dirigi-la a fim de que nesta tarde tenhamos aqui momentos especiais na presença de Deus.

O Sr. Bispo Gutemberg:- Boa-tarde.

Vamos ficar de pé. Ponham a mão sobre o coração, por favor.

(O bispo faz uma oração.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Dando continuação, gostaria de convidar, para compor a Mesa, o secretário Waldenor Cardoso, que foi presidente da Câmara de Salvador, onde fez um excelente trabalho.

Não sei se faço o discurso daqui mesmo ou se peço ao vereador Isnard de Araújo que presida a sessão, momentaneamente. Não sei se isso é permitido, mas, nesta tarde, vamos quebrar o protocolo. Vou convidar o vereador Isnard de Araújo a presidir a sessão, enquanto me dirijo à tribuna, para fazer um breve pronunciamento.

O Sr. IVO DE ASSIS:-Aqui na Assembleia, existem alguns protocolos, mas vamos procurar ser o menos burocrático possível.

Uma boa-tarde para todos. Quero cumprimentar a Mesa na pessoa do nosso

amigo promotor de combate ao racismo e à intolerância religiosa, Almiro Sena; do vereador Isnard de Araújo, meu amigo, meu companheiro do PR e de fé; do bispo Gutemberg, que representa a Igreja Universal do Reino de Deus, é meu amigo já há muitos anos e com o qual tive a oportunidade de trabalhar em São Paulo, no Amazonas e, agora, aqui na Bahia, graças a Deus.

Quero cumprimentar também o Sr. Presidente do Moneva-Movimento Negro Evangélico, o professor Manassés, que é também advogado, brilhante lutador pela causa dos negros, sempre participativo, ativo, atuante; a Sr^a Presidente da ANAADE- Associação Nacional dos Advogados Afrodescendentes e Conselheira Federal da OAB, Dr^a Sílvia Cerqueira, também militante do movimento negro, uma pessoa que está sempre participando..., contribuindo para que essa desigualdade racial venha a ser superada, a ser realmente vencida; o Sr. Juiz da Paz e representante da Ordem Brasileira de Juiz da Paz Arbitral e Eclesiástica, Dr. Aílton Borges, pessoa que também tem militado muito.

Por fim, saúdo as autoridades e a todos as demais pessoas que aqui se fazem presentes como representantes de suas denominações e proporcionando para nós desta Casa Legislativa um imenso prazer. Desejamos que todos estejam à vontade pois esta Casa é a Casa do Povo e é para o povo que ela foi feita. Então que todos se sintam à vontade, Pr. Lucivaldo, Pr. Elias, demais pastores que estão presentes, de repente eu não estou conseguindo visualizá-los e não me passaram a relação.

(Lê) “Quero dizer nestas simples palavras da importância deste nosso encontro, não o denomino senhoras e senhores totalmente de Sessão Especial, pois uma Sessão acaba, mas a considero reunião familiar pois a família aqui representada tem um chefe e o chefe desta casa antes de nós chegarmos aqui ele já estava, é o próprio Senhor Jesus. Então estamos em família.

A ideia de realizar esta Sessão foi para. mostrar à Bahia que os negros desta terra, além de seus ricos e belos costumes também têm nos seus corações sofridos e marcados a presença de Deus, sim, pois quando sofremos, sejamos brancos ou negros a certeza que nos temos é que nesse momento temos um Deus que ampara nossas vidas, sara nossas feridas e, quando combatemos o bom combate, guardamos nossa fé e expiramos deste mundo sabemos que lá, no lar celeste, encontraremos a paz. Temos certeza de uma coisa: que os nossos esforços e lutas estão sendo registrados e com toda certeza venceremos.

Seremos vitoriosos porque veremos realmente uma igualdade racial, não importa a opção religiosa. Verdadeiramente o que nós queremos é uma Bahia mais justa com os seus negros, negros sim, que tiveram seu passado manchado com sangue e suas costas surradas pelos chicotes do imperialismo e perversidade. Suportamos a escravidão e vencemos juntos com a ajuda e a graça de Deus.

Agora, nossa principal luta é contra a desigualdade que em pleno século XXI, com a globalização em alta ainda ouvimos falar sobre essa tal discriminação, discriminação senhores, que hoje através desta seção ficará gravada como data da nossa guerra, guerra contra a desigualdade e intolerância religiosa. Lembro que essa luta não é nossa, mas sim, de Deus. Então trago aos ouvidos de V.S^{as} que já vencemos essa guerra pois nosso Deus é conhecido por nunca perder uma batalha, Ele é o Deus dos exércitos, o Senhor invencível em todas as batalhas. Cremos que Ele sempre levantará

homens que lutem e representem o povo nas assembléias e câmaras de vereadores espalhadas pelo Brasil, pois nosso Deus conhece seu povo e sabe que somos poucos, porém somos fortes e resistentes como a diamante.

Que fique gravado nos céus esse nosso encontro e a lembrança dos nossos antepassados que gemiam nas senzalas, com dores e feridas, feridas essas que não cicatrizam com remédios, dores que vêm da alma clamando a Deus justiça pelo seu suor e sangue derramados. Não nos contentaremos com conquistas pequenas; ideologia religiosa não é vitória para ninguém, mas vamos nos unir para grandes conquistas, tais como: um ensino bom para todos; que os negros da periferia sejam reconhecidos e que nossos jovens não sejam mais objeto de estatísticas nas paginas policias. Defendo sim, uma igualdade para todos e não somente respeito para a religião A ou B, defendo igualdade ampla na saúde, no trabalho, no convívio com a sociedade e no direito a uma morada boa, justa, e livre de desabamentos em tempos de chuva. Isso sim, iremos conquistar para os negros, para todos neste estado, e juntaremos forças com homens comprometidos com essa luta, nas câmaras de vereadores e assembleias legislativas espalhadas pelo nosso Brasil, principalmente nesta casa, que nesta tarde através de seu presidente Deputado Marcelo Nilo abre as portas para nós negros evangélicos da Bahia. Que fique gravado hoje na historia desta casa que JESUS CRISTO É O SENHOR.

Muito obrigado e que Deus abençoe a todos.”

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero convidar o Sr. Secretário Municipal da Reparação, Ailton Ferreira, para compor a Mesa. (Palmas)

Agora vamos assistir à apresentação do grupo Catedral Capoeira Força Jovem. O negro evangélico realmente faz parte do movimento negro, está inserido na cultura africana, e todos sabem que, historicamente, a capoeira veio da África. Então, nós negros evangélicos somos realmente favoráveis à capoeira e aqui estão jovens evangélicos, jovens negros que professam a fé no Senhor Jesus e praticam a capoeira.

Vamos assistir a esta apresentação.

(Apresentação do grupo de capoeira.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero agradecer à Força Jovem por essa apresentação de capoeira aqui nesta tarde.

Concedo a palavra ao promotor do Ministério Público, Almiro Sena, para que ele possa fazer o seu pronunciamento, uma vez que ele é um militante do movimento e um lutador contra a discriminação e toda a forma de intolerância religiosa.

O Sr. ALMIRO SENA:- Exmº Sr. Deputado Ivo de Assis, presidente desta sessão, pessoa através da qual cumprimento os eminentes integrantes desta Mesa, a todos e a todas faço a saudação do Ministério Público do Estado da Bahia especialmente através da nossa Promotoria de Combate à Discriminação que tem a nomenclatura mais forte de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa. Sob todos os aspectos, esta sessão merece o aplauso, o apoio e o incentivo de todo o povo da Bahia.

O deputado Ivo de Assis, coerente com sua trajetória extremamente digna, proba,

teve mais esta feliz iniciativa. E eu faço questão, deputado, de parabenizar e ressaltar a importância, como V.Ex^a disse, de que não seja apenas uma sessão, mas uma reunião familiar, porque as reuniões familiares são permanentes e acontecem até o último dia de nossas vidas.

Como promotor de justiça, como cidadão negro desta cidade, eu quero parabenizar também a juventude, principalmente aqui representada em grande parte pela Força Jovem, e na breve aula que tive ali, de meu companheiro cujo nome infelizmente não pude saber, entendo que representa um estágio fundamental na formação do obreiro e do pastor da igreja.

Mas, com certeza, a Força Jovem, como outros grupos que compõem a Igreja Universal, representa também para nós, independentemente da religiosidade, do credo religioso, um espaço de cidadania. Os valores que são disseminados no espaço da Força Jovem com certeza corroboram a formação do cidadão consciente de seus valores. Então, quero ressaltar também esses espaços que as igrejas evangélicas e a Igreja Universal, aqui hoje especificamente, possuem e que, indubitavelmente, significam muito para a formação e para a conquista do espaço da população brasileira, negra, branca, indígena, mestiça ou de qualquer coloração.

Agora, sem dúvida, confesso a vocês que é sempre um prazer pessoal quando tenho oportunidade de falar aos adeptos das igrejas evangélicas. Prazer este que é idêntico ao que tenho ao falar aos adeptos das religiões de matriz africana, porque em ambas as religiões eu vejo a minha cara, eu me vejo nessas religiões, eu me vejo como adepto do candomblé, eu me vejo como integrante de uma igreja evangélica. Porque quem está aí, não só como integrante, mas principalmente como sacerdote, na maioria das vezes são pessoas que têm uma identidade comum. Volto a repetir: é para mim um motivo de satisfação pessoal, de reativar as energias, de me sentir entre meus iguais, entre aqueles que efetivamente são como eu. Não quer dizer que quando estou num público cuja cara, na sua grande maioria, é muito diferente da minha cara eu me sinta mal, de jeito algum. Este público merece tanto respeito quanto qualquer outro, mas efetivamente, meus amigos, minhas amigas, quando você está entre seus iguais você está mais à vontade, mais tranquilo, e até seus erros são mais facilmente perdoados.

Então, quero concluir ressaltando essa importância especial que tanto as igrejas evangélicas como as religiões de matriz africana têm para o combate à desigualdade, porque são espaços sagrados, cada qual com sua doutrina ou seu caminho, mas ambos merecedores do maior respeito e idêntica humildade. Espaços onde vejo efetivamente a população negra com seu talento, com sua beleza, com sua inteligência admirável ascender, não apenas integrar, mas ascender, crescer, dirigir, liderar.

E, para concluir, meus amigos, quero dizer que acho que o melhor, entendo, porque principalmente para os jovens é bom fazer esta distinção entre achar e entender. É bom sermos rigorosos. O achar fica na teoria do achismo, não é de bom-tom. O entender, o compreender, normalmente indica um fundamento. Então compreendo que, se vivemos em um momento de construir, mas também de desconstrução de algo perverso que está estruturado na sociedade brasileira, vendo vocês o meu anseio, permitam-me dizer, se torna mais do que uma esperança de que em breve, nesta Assembleia Legislativa, tenhamos uma Galeota do Povo um pouco distinta desta. Não que os que a compõem não mereçam estar aí. Devem merecer. Inclusive alguns, a esta

altura, já estão em outra dimensão. Esses, se mereceram realmente, a esta altura devem saber melhor do que nós. Por eles, para o bem deles, onde estiverem, espero que tenham merecido.

Mas espero que em breve tenhamos uma outra galeota com a cara da população da Bahia, na sua proporção. Uma galeota que tenha, por exemplo, o fenótipo desta Mesa, deste auditório. Este realmente é o momento que espero chegar muito em breve. E para isso, sem dúvida, sessões como esta, espaços de cidadania como o da força jovem, são fundamentais.

Meus parabéns! Espero que em breve possamos realmente ocupar o poder político e econômico deste Estado, que é nosso. Ninguém vai impedir que o conquistemos verdadeiramente.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero convidar para compor a Mesa o Dr. Anderson Casé, que representa o deputado federal Márcio Marinho, e o Sr. Ademir Santos, presidente do Instituto Martin Luther King e coordenador do Coletivo de Entidades Negras.

Convido agora para fazer uso da palavra a Dr^a Sílvia Cerqueira, da Anaade, para que ela possa nos trazer as suas palavras, que sempre acrescentam muito a respeito do Movimento Negro, da sua cultura, do seu conhecimento.

Quero registrar também as presenças dos nossos amigos pastor Luiz Júnior, pastor Jair, da Igreja do Evangelho Quadrangular; pastor Elias, da Igreja Presbiteriana Renovada; pastor Alberto, que é da Igreja Universal, angolano, veio da África, está aqui conosco na Bahia fazendo a obra de Deus; pastor Lucivaldo, que é o pastor-presidente da Igreja Assembleia de Deus Soteropolitana; pastor Valdeci, que eu também vi aqui participando conosco nesta tarde; pastor Luiz, que está na Catedral da Fé; pastor Adriano, do grupo jovem e responsável pela Força Jovem daqui da Bahia; e pastor Antônio, da Igreja Jardim de Deus. Deus o abençoe, pastor Antônio.

Com a palavra a Dr^a Silvia.

A Dr^a SÍLVIA CERQUEIRA:- Boa-tarde ao grupo da Força Jovem e a todas e todos que estão presentes. Quero saudar a Mesa nas pessoas do deputado Ivo de Assis e do vereador Isnard.

Quero dizer da minha imensa satisfação por estar nesta sessão, mas o faço até porque ela é redobrada, por ser minoria nesta Mesa alta. Vejam como a visão do deputado já é grande porque começa descortinando as desigualdades e as discriminações que permeiam não só em razão de raça, mas também em razão de gênero. Quero dizer a todos, aos irmãos e irmãs, que estou na minha casa, e tenho muito orgulho em dizer que este é o meu povo, que há muito tempo, deputado Ivo, gostaria de ver nesta Casa. O presidente, ao abrir a sessão, disse que esta é a Casa do Povo, e realmente esta é a nossa casa, e em razão disso esse é o espaço em que devemos começar o exercício da nossa cidadania, e sobretudo da nossa cidadania negra.

Estava sentada à Mesa, e assisti a uma brilhante exibição de capoeira, e vi ali a minha ancestralidade, a nossa ancestralidade. Vejo, nesse espaço, uma predominância de negros e negras descendentes desta terra que chamamos Brasil, e ao assistir os

passos cadenciados do grupo de capoeira, vi a minha ancestralidade, e a manifestação de um *hotentote*, de um *hausá*, de um *gêge*, de um *nagô*, portanto, homens e escravos, que construíram a custa do seu suor e de muito sangue este Brasil, esta terra que hoje ocupamos.

Quero dizer, deputado Ivo de Assis, que esta é uma sessão histórica, porque ela afirma de forma definitiva a necessidade de nós, negros e negras evangélicos, estarmos participando desse espaço de discussão, a respeito das desigualdades que permeiam a nossa terra. Não podemos mais admitir que, quando avistarmos um negro numa esquina, suponhamos que ele seja um marginal, e que uma pessoa não-negra, ao passar pela mesma esquina, seja visto como um homem de bem, um verdadeiro cidadão.

Nós, evangélicos, precisamos acordar para essa realidade. Por que digo isso aos senhores? Digo isso, porque o fato de sermos evangélicos, não significa dizer que não somos negros, que não sofremos discriminações, e que são outras religiões – e aqui respeitando, até por compreender que vivemos num Estado laico, o que significa dizer que existe, e é declarada a liberdade de crença e de cultos, e por essa nós lutamos.

Quero dizer que existe um elo que nos une, e esse é justamente a luta racial. Ainda que tenhamos a diversidade, na verdade somos todos humanos, mas não somos iguais, por isso devemos respeitar as nossas diferenças. Essa é a grande riqueza do povo brasileiro, sermos seres humanos, iguais em direitos e obrigações, mas sermos diferentes nas nossas especificidades, no nosso modo de ser.

Concluindo, quando ele jogava capoeira, e foi uma capoeira que pude ver que é de Angola – acho que o senhor é angolano. O senhor fez um passinhos abaixadinho e vi que a capoeira é de Angola, porque converso muito com o mestre Curió.

Quero dizer ao nosso povo, ao meu povo, no espaço que me sinto à vontade, que assim como todos temos liberdade, eu também tenho a liberdade de dizer que sirvo a Deus, e por conta disso, quero dizer que todos nós, independentemente do lugar em que estejamos, tenhamos a liberdade de professar a nossa fé, porque isso não vai retirar nossa legitimidade para lutar por um espaço melhor, pela igualdade, pela isonomia de direitos. Enfim, somos livres e festejemos essa liberdade enquanto seres humanos e enquanto cidadãos.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Agora, convido para fazer uso da palavra o professor Manassés, que vai-nos relatar um pouco sobre a história do livro. Professor Manassés, um historiador, advogado, negro que, com muita luta e muito esforço, conseguiu ascender em nossa sociedade. Isso mostra que cada jovem que aqui se encontra também pode chegar longe, basta se esforçar. Em meio a todas as dificuldades existentes em nossa sociedade, estão aqui o promotor de Justiça, Dr. Almiro Sena e a Dr^a Sílvia, negros que conquistaram, como os demais que estão aqui conosco, nesta tarde.

Com a palavra o professor e doutor Manassés.

O Sr. PROFESSOR MANASSÉS:- Meus amigos, desejo a todos uma boa tarde. Louvo a iniciativa do nobre deputado Ivo de Assis de propor esta sessão significativa no contexto histórico-secular e no contexto histórico-espiritual. Eu digo

espiritual porque o homem nunca está dissociado da ideia de espírito.

Fiquei muito feliz – como bem reportou a nobre colega advogada, Dr^a Sílvia Cerqueira, conselheira federal, por quem tenho uma admiração profunda – e me sinto honrado por trilhar esse pleito e essa construção de resgate da causa do afrodescendente. Confesso aos senhores que nos idos de 1979 e 1980, eu era acadêmico de História naquele tempo, ainda não se tinha uma leitura adequada sobre o que era o negro, seu significado, sua relevância e seu papel.

Nós tínhamos uma construção acerca da história gerida, gestada a partir de uma visão eurocêntrica, ou seja, não tínhamos ideia de identidade.

O que é identidade? É a possibilidade da gente se ver, respeitar-se, reconhecer-se como gente, glorificar a Deus pela nossa existência e ter a satisfação de existir. Isso é identidade.

Subtraíram, de fato, a nossa história, as nossas heranças. Nós, lamentavelmente, ainda nos algos do século XXI, não conseguimos nos ver com os nossos olhos. Digo isso porque durante muitos anos... Sou professor também, e tenho a honra – quando vejo esses jovens, aqui há um contingente expressivo deles –, de lidar com jovens e construirmos sonhos juntos, como professor e como aluno. Então, tive a oportunidade de apostar na construção e colher o fruto dessa construção.

Nobre deputado propositor deste evento – independentemente da referência que devo fazer a outros ilustres componentes dessa Mesa, inclusive o Dr. Almiro Sena, de quem vimos acompanhando a trajetória no Ministério Público –, podemos ver que as instituições passam a ter relevância a partir do momento em que elas se verticalizam para os interesses dos setores majoritários da sociedade, e eu diria, do conjunto da sociedade.

Nós podemos observar, meus irmãos e meus amigos, que, e aí eu tive a proposta partida do nobre colega, doutor Anderson, por que não resgatar a memória do um grande líder, um grande homem de Deus e da humanidade, o reverendo Luther King?

Enquanto vocês estavam aqui naqueles passos bailando e quando vocês que estão aqui acompanhando este evento significativo, eu quero chamar a atenção para um fato relevante, nós estamos fazendo história. Nos contaram uma história gerada dentro de uma perspectiva eurocêntrica, dentro de uma visão na qual não conseguíamos nos identificar como nós mesmos. E este é o momento em que estamos buscando a reconstrução da história, uma história contada a partir da nossa perspectiva.

Lembro que, ainda em 1984, tive a honra de ser o orador da turma de História, quando da graduação, e contava que existem duas maneiras de se focalizar a história: uma é aquela história gerida por quem não a vivenciou e não a construiu e a outra é aquela história gerida, contada, a partir dos seus próprios construtores. É por isso que eu disse que nós estamos vivendo o momento da história.

O reverendo Luther King, noto que, em alguns contextos da historiografia brasileira, tem sido preterido. Não sei se por questão de matiz religiosa, não sei, mas é preciso se resgatarem valores. Ainda no governo, naquela efervescência vivenciada nos Estados Unidos, de Lyndon Johnson, no período de 62 a 63, havia um homem humilde que teve a capacidade de compreender, aglutinar e fazer convergir interesses, ideias e necessidades. E esses interesses e essas ideias foram de encontro, exatamente, aos interesses do conjunto da sociedade.

O reverendo Luther King serve de exemplo para todos nós, religiões de matriz africana, religiões de matriz oriental e religiões de outras diferenciadas matrizes. Ele serve de exemplo na medida em que a ideia de história em Luther King não é aquela história gerida dentro de uma concepção de que se conduz um herói colocando-o sobre o cavalo, colocando-lhe uma armadura e o empurrando-o para conquistas ideologicamente preparadas, mas inglórias, porque não encontram ressonância no coração e no conjunto das necessidades humanas.

Mas eu tenho a honra de, como evangélico, ter o nobre pastor, o nobre líder que teve essa capacidade, e esse nome, também, precisa ser lembrado. Quero, antes de finalizar, chamar a atenção apenas de que há uma necessidade premente do segmento evangélico. Nós não podemos estar na contramão da história, não podemos estar na borda da história. Nós precisamos estar construindo a história. Este é um momento de construção.

O que implica esta construção? Esta construção tem implicação na medida em que ninguém pode tachar o segmento evangélico de ser ausente à discussão, porque ele participa e interfere. Mas há uma necessidade premente de o segmento se imiscuir mais intensamente; se envolver mais intensamente no trato da questão da exclusão por motivação étnica. Ele tem que ter uma resposta. Se essa resposta é científica, devemos mergulhar na ciência; se é política, devemos nos imiscuir na política; se é teológica, devemos ter a capacidade de fazermos hermenêutica e ser capazes de ter uma ideia do negro como uma expressão da Criação e do Criador, porque, para alguns, ele seria aquela figura esdrúxula, da África, daquele continente tórrido, onde somente os brutalizados poderiam ter lugar.

Para nós este é o momento de recuperação..., do reescrever da história, da reconquista, da construção e da transformação.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- O Professor Manassés, como sempre, deu-nos uma verdadeira aula. As palavras por ele proferidas são muito importantes e devemos tomá-las e procurar, cada vez mais, nos esforçar e lutar para que as diferenças e as desigualdades venham a ser esquecidas, superadas.

Quero pedir que seja posto o vídeo nº 1, que é de um coral da África, que esteve na Bahia, no ano passado, fez uma apresentação no Pelourinho, na Catedral, foi a algumas emissoras de televisão. A apresentação desse grupo foi realmente fantástica. Então vamos assistir ao DVD.

(Apresentação do vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Esse é o Coral da África. Entrei em contato com o pessoal na África, porque eu queria trazê-los, apresentá-los ao vivo, mas, infelizmente, a passagem aérea é muito cara, por isso não foi possível trazê-los para estar conosco nesta tarde. Então, aproveitei, já que tínhamos essas imagens, estou apresentando-as aqui em Salvador.

A Igreja Universal tem procurado promover exatamente essa integração entre os povos, e hoje ela está na África, na Ásia, na Europa, nas Américas. E, às vezes, pessoas não entendem bem, acham que há uma certa intolerância religiosa ou discriminação

racial, mas, na verdade, o que tem sido feito hoje é uma grande promoção para que haja essa integração dos povos. É um trabalho muito grande, é um trabalho bonito que está sendo desenvolvido pela Igreja.

Estão aqui o Pastor Alberto, que é moçambicano, e a sua esposa que também é. (Palmas) Pastor, o senhor gostaria de fazer uso da palavra, fazer um pequeno pronunciamento de três ou dois minutos?

O Sr. PASTOR ALBERTO:- Sim, gostaria.

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Por favor, fique à vontade, dirija-se à tribuna.

Então, é um moçambicano que está aqui conosco no Brasil. Eu já tive a oportunidade de vê-lo dançando músicas da África, o que faz muito bem. Ele dança muito bem, dança muito.

Deputado Eliedson Ferreira, por favor, venha compor a Mesa. Disseram-me que que V.Ex^a tinha saído para um compromisso. Procurei-o e não o vi, mas, graças a Deus, V.Ex^a. Retornou. Deputado Eliedson Ferreira, guerreiro, também um soldado do Senhor Jesus, que está lutando para que o povo baiano venha, realmente, a ter seus direitos respeitados, os negros venham alcançar essa promoção.

Com a palavra o pastor Alberto. Fique à vontade.

O Sr. PASTOR ALBERTO:- Boa-tarde. Sr. Presidente, não tenho muita coisa a dizer. Na verdade, quero apenas agradecer, porque vejo aqui a África representada. E a Igreja Universal do Reino de Deus é uma instituição que procura agregar todo tipo de pessoa, sem discriminação. O exemplo disso é a minha presença aqui, sou africano mesmo, da gema, (risos) e quero mostrar que a África acordou e abraçou a fé, o Evangelho. O Evangelho é o caminho certo que leva o homem a se libertar verdadeiramente.

Então, quando o africano passou a abraçar o Evangelho, procurou encontrar o seu espaço, procurou se enquadrar e mostrar que não existe diferença entre África, América, Europa, porque Deus é um só. A Bíblia diz que Deus amou muito, de tal maneira que deu o seu filho único. Se Deus amou a todos, amou os africanos, os europeus, os americanos, os asiáticos. Enfim, a fé leva as pessoas a se encontrarem em um só caminho, através do Senhor Jesus.

Sinto-me honrado no dia de hoje por ver aqui a África lembrada e representada. E tenho certeza de que no dia que eu voltar para a África vou levar muitas lembranças de vocês para lá.

Muito obrigado. (Palmas. Muitas palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Teríamos também aqui nesta tarde um outro africano...

(O pastor Alberto fala fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Pois não. O africano gosta de dançar, ele quer dançar. (Palmas e risos.) Essa é a fé, é o africano.

O Sr. PASTOR ALBERTO:- Africano conquista através da canção; africano encontra a solução através da música.

Vou ensinar uma canção. Vamos ficar de pé e dançar. (Palmas)

(O pastor Alberto canta e dança sob os aplausos da plateia.)

Muito obrigado. Que Deus abençoe a todos. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- É a grande integração Brasil-África.

Quero registrar a presença do deputado Isaac Cunha e também convidá-lo para compor a Mesa. Ele gosta de usar o kipá. Eu também usei quando estive em Israel.

O Isaac Cunha também é um guerreiro, um defensor dos negros e da fé.

O vereador Isnard Araújo vai fazer uso da palavra.

Deputado Isaac Cunha, sente-se aqui ao meu lado, o vereador Isnard disse que vai precisar se ausentar e pediu que convocasse V.Ex^a para compor a Mesa.

O Sr. ISNAR ARAÚJO:- Boa-tarde a todos, inicialmente quero louvar a Deus por estar aqui neste instante sendo lembrado pelos evangélicos e, diga-se de passagem, pelos evangélicos negros. Saúdo os membros e agradeço ao deputado Ivo de Assis. Neste instante, como foi dito pelo professor, estamos fazendo história.

Quero destacar aqui – e perdoem-me algumas pessoas – duas pessoas pelas quais passei a ter uma consideração além do que se merece em termos de pessoas que lutam por essa causa, que é o promotor Almiro Sena, (Palmas) que realmente merece essas palmas, para o senhor é muito pouco, e a Dr^a Sílvia Cerqueira também, outra guerreira dessa causa e que tem histórico de pessoas que sabem o que é conquistar.

E nesse uso da palavra, vou ser rápido, até porque fui criado, como já foi dito aqui em outra sessão da igreja, na Baixada Fluminense, no meio dos negros. Chegamos de Minas Gerais muito pobres, meu pai era fazendeiro, mas por motivo de ameaça de morte foi para o Rio de Janeiro, largando tudo, e fomos criados no Rio, junto com os negros, e nunca tive essa sensação de preconceito, vivia com os negros, e isso nunca me deixou no sangue ser preconceituoso pela cor da minha pele, porque convivia com os negros e não tinha noção desse sentimento.

Cresci, fui para o quartel, muitos negros, cheguei a igreja e fui ser pastor no Sul do Brasil, em Santa Catarina, e aí comecei a descobrir o que é racismo, comecei a ver o que é racismo. “Olha, não vá para aquela cidade porque o senhor é negro”. Por que esse sujeito não pode ir para aquela cidade? Porque eles não aceitam negro. Comecei a ver o que é preconceito, comecei a sentir na pele o enojamento de um povo que é da minha cor e que discriminava a cor negra, que tem olhos, boca, ouvidos, e muito mais do que isso, é criação divina que tem sentimento e tem alma. (Palmas)

Que tem sentimento e tem alma, então por que aquela diferença? E aí, por não ter noção desse tal preconceito, até hoje confundo, Dr. Almiro, se sou a favor ou não de quotas, por que tem que haver quotas, porque se todos somos iguais, mas se não houve as quotas teremos problemas sem elas, e por que temos que ter? Não sei por que tem que ter, mas tem que ter porque senão os negros são discriminados.

É essa a história da nossa humanidade que num momento insano, e digo em linguagem apropriada, num momento diabólico e demoníaco, uma raça branca achou que tinha que fazer escravos e escravizou justamente os negros, talvez porque as suas origens africanas, de pobreza, de muita facilidade para serem dominados pela pobreza, pela falta de recursos, e surgiu então hoje que não deveríamos ter uma história de reparação e que temos uma dívida enorme que não deveríamos ter, mas temos essa dívida, que infelizmente passa a existir a partir do momento em que uma raça divina,

sagrada, criada por Deus tornou-se escrava por um momento insano, por um momento diabólico da nossa humanidade. Mas, quiçá, o negro inteligente, o negro forte, o negro venha a entender que ele é forte e, que, de fato, ele é sagrado, gente de Deus e que não tem que olhar com preconceito para si mesmo, não tem que sentir-se preconceituoso ou, talvez, menor. Muito pelo contrário, é uma raça forte, valente. E, diga-se de passagem, são mais forte se mais valentes que o próprio branco, são valorosos, são vitoriosos e hoje temos exemplos ímpares nesta Mesa. E hoje essa reparação é para fazer com que o negro, com seus próprios méritos, com sua força, sua capacidade, alcance o que alcançaram os advogados, os juízes, os parlamentares, enfim os que hoje estão nos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Que o negro possa, de fato, estar inserido em todas as camadas da sociedade, em todas as classes, em todos os níveis e que vocês muito mais, muito mais do que estarem de parabéns sejam louvados neste instante por dois motivos: um, porque estão sendo lembrados e o outro - puxando a sardinha - porque são evangélicos.

Quero parabenizar os negros católicos, os negros das raízes africanas, umbanda, kimbanda, candomblé, mas a sessão é especialmente para os negros evangélicos, por isso estou me detendo aos negros evangélicos.

Parabéns a todos e ao deputado Ivo por esta iniciativa. Quero dizer da minha satisfação, do meu orgulho muito grande de estar aqui, hoje, como branco, para me dirigir e falar a nossa raça negra. Parabéns e que Deus os abençoe.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero agradecer as presenças dos representantes das seguintes igrejas: Universal do Reino de Deus, Pentecostal Cristo é o Poder que Liberta, Pentecostal Globo Celeste, Ministério Crer e Viver, Batista Encontro com Cristo, Apostólica África do Senhor, Evangélica Pentecostal Redenção, do Conselho Federal de Teologia, da Comunidade Evangélica de Lauro de Freitas Instituto Reverendo Martin Luther King.

Daqui a pouco iremos registrar outras presenças.

Com a palavra o deputado Eliedson Ferreira.

O Sr. ELIEDSON FERREIRA:- Sr. Presidente Ivo de Assis, quero parabenizá-lo e a sua equipe também por esta iniciativa tão sábia.

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Iniciativa que não foi só minha, mas de V. Ex^a também. Temos que fazer justiça.

O Sr. ELIEDSON FERREIRA:- V. Ex^a se empenhou mais. A sua equipe durante dias circulou pela Assembleia, fez uma mobilização para que hoje tivéssemos aqui esta presença tão bonita do povo negro, evangélico, um povo que jamais recusa o chamado quando se trata de engrandecer o nome do Senhor Jesus e de restaurar a justiça ao povo negro.

Quero saudar o Dr. Almiro Sena, por quem tenho muita admiração. Creio eu que ele é admirado não só na Bahia mas também no Brasil. Quando se trata de defender os direitos dos que são vítimas do preconceito, não somente contra negros, lembra-se sempre do nome do Dr. Almiro Sena. É uma justiça que tem que ser feita, é um nome que tem que ser reconhecido. Quero saudar também o meu irmão, que saiu agora para um compromisso, o vereador Isnard de Araújo, o bispo Gutemberg, sempre com a sua

simpatia faz o povo de Deus se alegrar de ternos seus líderes evangélicos pessoas tão importantes como o senhor.

Quero saudar o professor Manasses, também, sempre. Estava no meu gabinete assinando alguns documentos e ouvindo o seu pronunciamento. O deputado Ivo foi feliz quando falou da sua didática e de que todos nós aprendemos com seu discurso. O Dr. Ailton Borges, Juiz de Paz. A Dr^a Sílvia Cerqueira, um nome sempre quando se trata da defesa do povo negro e de uma forma especial do povo negro e evangélico.

O Senhor Secretário Municipal da Reparação, Aílton Ferreira, é um prazer, Sr. Waldenor Cardoso, esteve aqui, ex-vereador e o deputado meu irmão, meu amigo Isaac Cunha, esta figura tão simpática.

Eu o parabenizo, deputado Ivo de Assis, V.Ex^a e sua equipe, porque como foi dito aqui, está se fazendo história. Algo que me incomoda já há muito tempo, desde quando passei a ter aquele senso crítico, não se sabe dizer exatamente a partir de que idade, mas muito me incomodava e após eleito deputado estadual, prontifiquei-me a defender essa causa que é justamente, às vezes, os movimentos e aqui me perdoe, não quero criticar, mas apenas fazer um comentário, às vezes os movimentos que defendem os direitos dos negros, não concede ao negro a liberdade que ele tem direito no que tange a escolha da sua religião e às vezes, também, se há uma mistura entre a raça e a religião.

Ora, temos e aqui está a importância deste encontro, temos aqui a grande maioria de negros e negros evangélicos. Poderia aqui perguntar e muitos levantariam as mãos, são negros e que nunca professaram outro credo religioso, muitos até nasceram já dentro de uma igreja evangélica.

Então, não existe religião de negro, religião de branco, religião de amarelo, religião de oriental, de asiático, religião é uma escolha que a pessoa tanto pode fazer essa escolha quanto pode mudar essa escolha no momento que ela quiser. O negro é livre para isso. (Palmas.)

Então, estou muito feliz, realmente esta iniciativa foi inspirada por Deus, mas alguém falou aqui, creio que foi o professor Manasses, que ninguém poderá dizer que o negro evangélico não está ocupando seu espaço. Claro, precisava haver uma iniciativa como essa para que esse movimento venha a crescer e tenha certeza de que vai crescer muito no mundo, porque a nação negra e evangélica é muito grande. E o pastor Alberto deu aqui uma prova incontestável dessa realidade. Vimos o vídeo desse coral maravilhoso da África que esteve aqui em Salvador e encantou aonde foi.

Então, estou muito feliz, todos vocês estão de parabéns e faça questão de dizer eu sou negro, sou evangélico, mas não tenho preconceito contra o negro, nem o branco, nem de outra cor que seja evangélico, católico, budista ou messiânico ou de qualquer religião, porque quando você é negro e não tem nenhum tipo de preconceito, contra quem quer que seja, por causa da escolha religiosa, você está mostrando que valoriza a liberdade de fazer suas escolhas e de ocupar o seu espaço.

Parabéns pela fé, parabéns por estarem aqui com uma participação marcante. E quero aproveitar para dizer que teremos no dia 17 uma sessão especial, solicitada por nós, para comemorar o Dia da Bíblia. Porque é na Bíblia que encontramos força para defender a nossa liberdade.

O vereador Isnard falou aqui que o negro é mais forte do que qualquer outra raça.

Concordo, sem demagogia nenhuma. E não somente o negro, mas todo aquele que é vítima de preconceito e, apesar disso, continua insistindo para ocupar o seu espaço e defender a liberdade. O que sofre, o que padece, o que geme nas mãos dos preconceituosos e injustos, e mesmo assim não se esconde e assume a sua fé, o seu direito à liberdade, esse é mais forte do que qualquer outro.

Parabéns a todos vocês.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero convidar, agora, o grupo de teatro para fazer a sua apresentação. Eles prepararam uma peça sobre a consciência negra.

Convido também o vereador de Feira de Santana José de Arimatéia. Ele, que é um ex-deputado estadual, futuramente, com toda a certeza, com a benção de Deus, estará aqui novamente. (Palmas)

(Apresentação teatral.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Parabéns ao pessoal do teatro. Realmente foi uma mensagem muito forte, que nos emocionou, que mexeu conosco. Sabemos que infelizmente a realidade não é tão diferente do que a que eles apresentaram aqui. A nossa realidade ainda é desse jeito, triste, discriminadora, destruidora, excludente, essa é a nossa realidade. Espero que tenhamos mais consciência da importância de não aceitarmos mais esse tipo coisa.

O pessoal que veio nos ônibus da Catedral e de Tancredo Neves, recebi o recado de que os ônibus vão precisar sair, já estão aguardando. Então, por favor, podem se dirigir aos ônibus porque eles precisam sair agora.

Então, quero agradecer a Força Jovem, a Igreja Pentecostal Globo Celeste, Laina Queiroz, coordenadora de projetos da Secretaria Municipal da Reparação; Igreja Batista Estrela da Manhã, Igreja Pentecostal Monte Gerizim.

Quero conceder a palavra ao secretário Aílton Ferreira, secretário municipal da Reparação, que inclusive está representando o prefeito da cidade do Salvador, João Henrique.

O Sr. AILTON FERREIRA:- Boa-tarde a todos.

Quero cumprimentar a Mesa na pessoa do deputado Ivo de Assis, porque não estou com a relação de todos os nomes. Conheço algumas pessoas que estão compondo a Mesa, mas, não sei o nome de todas. E, para não cometer injustiça, quando estamos falando de justiça, de igualdade, de equidade, vou ficar... E penso, que vocês ficarão satisfeitos, se eu cumprimentar essa Mesa negra, na pessoa do deputado Ivo de Assis.

Quero cumprimentar o Plenário, lamentar que os ônibus chegaram na hora da minha fala. Falar com o prefeito João Henrique da minha presença aqui. Ele está agora num compromisso e o seu chefe do gabinete, Dr. Leonel Leal, também estaria aqui conosco, porém o prefeito o convocou e quando o prefeito convoca, nós subordinados que respeitamos a liderança, temos que aceitar a convocação e cumprir a tarefa.

Estou muito sensibilizado com este evento desta tarde. Estou muito emocionado e muito feliz. Quero dizer que, quando era sub-secretário, participei do momento da criação do Moneba, Movimento Negro da Bahia, aqui no Plenário, o Manassés está aqui, e estou participando agora deste. Já participei no bairro da Liberdade, no colégio

Duque de Caxias, do Encontro dos Estudantes Evangélicos.

A Secretaria Municipal da Reparação foi criada em 2003, para promover as políticas de reparação na cidade do Salvador. Ela é resultado, fruto, da luta do Movimento Negro na Bahia e no Brasil e é também, resultado da luta do Movimento Negro no mundo inteiro. Ela veio depois da Conferência de Durban, África do Sul, que foi uma conferência internacional que discutiu o combate e a prevenção ao racismo, a intolerância religiosa, as formas de desrespeito, a xenofobia, ao ceticismo. Então, Salvador inaugurou nas capitais brasileiras a primeira Secretaria Municipal de Reparação.

Por força da cultura do Movimento Negro, por um momento, ser somente a secretaria já bastava, porque ficaram um tempo dizendo assim: Salvador tem uma Secretaria da Reparação, e isso era bom porque dava espaço para a mídia, reportagens. Eu estou agora num outro momento, que é o momento de dar resultados, gestão de resultados. Lá, eu tenho que unir a paixão do militante, a paixão da minha vida, da minha história, a minha vontade de lutar, o meu discurso de militante aos resultados que tenho que oferecer para a sociedade.

Então, estou enfrentando, graças a Deus, este desafio. Penso que estamos cumprindo isso razoavelmente. A Reparação quando foi constituída, deputado, trouxe para dentro quadros ligados ao movimento negro mais tradicional. Quando digo mais tradicional é que não incluía os negros evangélicos. Não vou dizer que era uma perversidade, talvez fosse mais rápido, mais fácil. Então, os quadros iniciais da Secretaria foram compostos de pessoas de quilombos, de terreiros de candomblé, de quilombos educacionais, militantes da intelectualidade, da academia, pessoas mais ligadas à luta dos movimentos negros. Aí há vários. O movimento negro tem mais de 30 anos. Temos representação de vários movimentos negros, mas não tínhamos a representação dos evangélicos dentro dos movimentos, embora saibamos que há muitos evangélicos que são negros.

Para quebrar o paradigma que encontrei, claro, primeiro comecei a discutir, a dialogar com todos os setores que já estavam lá representados: os terreiros, a Irmandade do Rosário dos Pretos, os quilombos, a capoeira, as tiriricas e todas as entidades. Depois, comecei a me aproximar dos setores evangélicos, considerando, primeiro, que é uma estupidez querer fazer política pública de inclusão excluindo. É uma estupidez e uma incoerência, depois é uma burrice do ponto de vista político porque os evangélicos estão organizados inclusive em partidos, em frentes, em grupos, têm mandatos de vereador, de deputado e assumem lideranças. Então, seria uma burrice, uma estupidez, um desconhecimento, um despreparo, acredito que quem quer ser líder tem que respeitar outras lideranças. Não podemos negar que os evangélicos hoje representam lideranças políticas também, além de religiosas.

Para enfrentar o preconceito, o racismo, não podemos desperdiçar ninguém. Se no nosso grupo tem alguém que toca tambor, ótimo. Se tem alguém que toca piano, que toca violino, também. Temos que ter todos os negros e negras que toquem todos os instrumentos para que a nossa orquestra fique mais bonita e mais rica. Não pode ser um som somente, não pode ser uma coisa só.

Então, na nossa gestão nos aproximamos da advogada, conselheira da OAB federal, nossa irmã da ANAAD, Dr^a Sílvia Cerqueira. Já nos conhecíamos antes de eu

ser secretário da Reparação, é uma parceira nossa, portanto estou dizendo que a ANAAD é parceira nossa. Convidei Manassés para fazer palestra dentro da Prefeitura porque estamos tratando do racismo institucional. Já fizemos 18 palestras, vamos ter no próximo dia 06 Dr^a Neusa Alves, da sede da OAB, e no dia 10, o professor Jorge Portugal,

Tenho conversado e discutido muito com uma pessoa que aprendi a gostar dela, é uma negona que alguns chamam de tia, eu prefiro chamar de vereadora Eron Vasconcelos, que tem sido uma parceira muito grande da nossa Secretaria, de respeito, de aproximação, de afinidade. Da minha sala - minha sala, não, não é minha, é da comunidade - mas na sala que uso tem um *system*, um som, que é presente da tia Eron para mim, para os senhores e senhoras perceberem o nosso nível de relacionamento. Não é uma coisa de oportunismo, de efemeridade. Não sou candidato a deputado federal, nem a deputado estadual, não estou em campanha, mas realizamos na Câmara Municipal o maior evento da legislatura atual. Reunimos aproximadamente 400 pessoas num evento no qual premiamos 40 mulheres negras, e a tia Eron foi parceira fundamental para entregar a placa Maria Felipa.

E ela dizia assim: secretário, esta Secretaria da Reparação só cuida do pessoal do candomblé. Eu lhe disse: Não, tia, vamos provar que, em nossa gestão, ou melhor, em minha gestão, vai ser diferente.

E encerramos, na sexta-feira passada, um curso de capacitação, com a parceria do Sebrae – Sistema Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa, tivemos três turmas, uma no Sebrae, com 30 alunos, capacitando-os para trabalhar em *shopping centers*, outra, na Sociedade Protetora dos Desvalidos, que é a entidade com 177 anos de existência, e lá estavam mais 30 negros e negras aprendendo contabilidade, técnicas de venda e atendimento ao cliente, e fizemos, dentro da Universal, na sede da Catedral da Fé, no Iguatemi, mais uma turma de 30 alunos negros e negras.

Nós já estamos com os currículos deles nas mãos para entregar no Shopping Salvador, pois estamos discutindo com o shopping colocar negros e negras para trabalhar em shoppings, negros e negras católicos, evangélicos, ou de quaisquer religiões, são e serão sempre negros e negras. (Muitas palmas)

E o racismo não nos pergunta qual a nossa profissão de fé. O racismo nos exclui de empresas, dos grandes empregos, de cargos mais bem pagos, de postos de gerência, de gerência de bancos, de direção de nossas empresas públicas e privadas, nos atinge a todos: negros e negras.

Quando chove e caem casas nos barrancos de nossa cidade, caem casas de negros e negras evangélicos ou não. E, muitas das vezes, a falta da assistência básica à saúde atinge também negros e negras de várias tonalidades religiosas.

E mais, o racismo e o preconceito, que é um sistema montado pela sociedade brasileira, se especializaram em nos dividir. E nós temos de ter a atenção redobrada, porque eu acredito que não deva haver hipótese nesta sala que nos separe no combate ao racismo e à intolerância.

E eu me emociono, porque eu estou falando aqui para evangélicos e me lembro de que, em meados da década de 1970, os missionários – alguém se lembra desta expressão? – eram chamados de malucos, terroristas, e eram expulsos. Eu me lembro que, quando eu era mais novo, quando alguém, este preconceito está sempre próximo

de nós, vejam, é do mesmo jeito que alguém diz assim: lá vem aquele cara ali de candomblé, misericórdia! Não vale nada. Há gente também que diz assim: aquele crente é maluco, só anda com a Bíblia debaixo do braço, não tem o que fazer.

Agora, quando o Sebrae me disse que iria atrasar os diplomas dos cursos de que eu acabei de falar, eu disse: não atrase os da Universal, porque a Tia Eron me falou que há famílias que combatem também os filhos e os parentes que vão para a Igreja, ao dizerem que os mesmos estão perdendo tempo, os mesmos não têm o que fazer, são desocupados, estão com encosto, estão malucos por estarem atrás dessa Igreja, saia daí que eu não quero você...

Aí, eu digo: o pai já deu o dinheiro de transporte para ir para o curso, reclamando, e, depois, não recebe o certificado... Aí, ele diz: está vendo o que eu digo que o pastor é enrolado mesmo, que é tudo o que não presta? E eu disse: não pode atrasar, porque esses meninos também sofrem preconceitos em suas casas, não os deixam sair e, às vezes, têm de mentir.

Então, é um preconceito que nos quer detonar o tempo todo, onde quer que estejamos. As nossas coisas, os nossos valores, as nossas crenças, os nossos feitos são sempre combatidos. Há sempre gente de plantão para combater as coisas do povo. Então, do mesmo jeito que eu ouço dizer aquele cara de candomblé não vale nada, é maluco, eu ouço dizer também quando alguém está na rua pregando, ou na estação da Lapa, ou dentro de algum lugar, alguém dizer assim: cala a boca, maluco; sai daí, abestalhado. E o cara não está xingando, não está vendendo crack, não está vendendo maconha, está pregando a palavra de Deus, em que ele acredita e quer divulgar para as pessoas, ou seja, está cumprindo uma tarefa.

Então, eu penso que, em uma sociedade racista, excludente, de violência, de droga, de morte, na qual, toda segunda-feira, o jornal traz uma quantidade de meninos com carinhas novas e está mudando a nossa lógica, porque somos criados para enterrar os velhos – os pais, os avós, mas agora estamos enterrando os jovens, ou seja, as mães agora estão enterrando os meninos de 18, 20 anos, que são levados, arrancados da vida pela violência, pelo tráfico.

Penso que é muito luxo, é muita prepotência, é muita arrogância, numa sociedade que requer de nós um mutirão social, de construção de valores éticos, a gente desperdiçar qualquer que seja a força religiosa, social, de fé que quer nos juntar, pacificar, falar de amor, evangelizar, transformar em pessoas do bem, que quer trazer a boa nova.

Penso ainda que a boa nova que vocês, as igrejas trazem, muitas das vezes, Srs. Deputados presentes, Dr^a Sílvia,...o socorro que chega à periferia é através da igreja, do grupo de capoeira, do terreiro, das missionárias, das obreiras.

Tenho conhecimento de casos de pessoas drogadas, e que, depois, nas ruas se ouve: “Fulana de tal deixou as drogas, agora está na igreja”. E ela passa a ser respeitada nas ruas; quando, antes, era agredida, violentada, tomava tapa e entrava em viaturas pelo fundo. Agora entra na rua, soberba, com cabelo e roupas arrumados, sapatinho de salto, a Bíblia à mão, a bolsa no ombro, e o dono do botequim da esquina diz “Aí vem D. Fulana! Ela agora entrou na Lei de Deus”.

Numa sociedade que há tanta gente se perdendo, se acabando, será que entrar na Lei de Deus é ruim? É melhor entrar no rabecão ou na viatura? Admito, até como

gestor, que a muitos lugares onde o Estado chega de rabeção ou de viatura, a igreja chega, antes, com cesta básica, cursos profissionalizantes, palavra, carinho, acolhimento. Existem comunidades em que o pai, às vezes, não é o pai, é o Pastor; às vezes não é o pai biológico, é o mestre de capoeira, que põe na sua sede aquelas crianças, as quais passam o dia todo ali, e a mãe, que é doméstica, só as pega no fim da tarde. E essa família tem a igreja, o centro comunitário como referência.

Fui subsecretário, na primeira gestão de João Henrique, e – mais uma vez, como é o racismo para nos dividir! – tive um secretário, que hoje é meu amigo, chamado Nemias Reis, negro, pobre, criado numa casinha na Boca do Rio, de família bem humilde, que fez engenharia civil e pegava ônibus como eu, que fui criado na Liberdade, na Fazenda Grande e vendi picolé, fiquei órfão aos 15 anos e consegui ter duas graduações, três especializações. Numa delas, o meu professor Manassés de Jesus foi meu vizinho de ônibus também, na Fazenda Grande, o qual, quando comprou o primeiro carro, um Tempra, não tinha onde pô-lo, porque a mãe dele morava num beco – Travessa 2 de Julho.

Esse mesmo racismo me disse: “Cuidado, você vai trabalhar com Nemias, que não é brincadeira!” Mas foram quatro anos de paz, de amor, de carinho, de respeito. Hoje, sou Secretário, ele, presidente do IPS, e somos amigos! Tentaram, mais uma vez, me dizer “Cuidado, que Nemias é da Assembleia de Deus!” Até agora, não vi bicho-papão, não tive nenhum problema com ele, graças a Deus! É um homem de bem, de Deus, respeitoso, de carinho, que sabe ouvir, humilde; agora é negro igual a mim, mas tentaram jogar-me contra ele e ele contra mim! Então há gente que se especializa nisto: jogar uns contra os outros!

Para mostrar à sociedade que a reparação mudou, trouxe Laina, que é advogada, militante do movimento negro, que foi do movimento estudantil, que é da Igreja Batista Aliança de Salvador, e faz trabalho social em quatro igrejas. Pois bem, ela foi nomeada, na semana passada, coordenadora de projetos para a diversidade da Secretaria da Reparação. Então, é o que podemos fazer.

Da Secretaria Municipal da Reparação eu estou aqui como gestor, colocando-me à disposição dos projetos, programas e das propostas, porque para combater o mal, que é o racismo, a intolerância, o desrespeito que passou aqui na peça de teatro, precisamos nos unir. O racismo não é cristão, não é de Deus. Ele não quer que façamos isso, que façamos mal, que machuquemos as pessoas por serem amarelas, brancas, pretas, gordas, baixas, magras ou altas. Nós somos ferramentas.

Deus nos colocou aqui para que façamos o nosso serviço. Temos que fazer bem feito e para fazer bem feito, para alegrar o céu, temos de estar de mãos dadas.

Amanhã, às 9 horas da manhã, estaremos com o bispo Márcio Marinho na sede da OAB discutindo sobre anemia falciforme, doença que atinge a maior parte da população negra.

O bispo me disse que nem conhecia a Secretaria da Reparação, pediu-me para conhecer e disse: “Sou deputado federal, negro, quero ajudar o meu povo, tenho emendas, quero ajudar a cidade, mas o Movimento Negro parece que não vai muito com minha cara, porque sou da Universal.”

Eu disse: “Se depender de mim, o senhor andarás agora de braços dados, porque não podemos desperdiçar um deputado que o povo elegeu e é negro.”

Deputado, o brigado pela tarde. Darei esse recardo aos militantes que conheço e vou dizer que é um movimento negro maior, mais amplo, diverso. Não dá para todos usarem bata nem serem rastas, nem todos têm que tocar berimbau. Não precisa, basta que respeitem.

Eu mesmo não sou rasta, meu cabelo não é grande, nunca foi. Sou negro, milito e defendo. Dr. Almiro defende e não anda de bata. Só de paletó, sempre foi assim. Fui criado sem nunca andar sem camisa, porque minha mãe não deixava. Tenho 51 anos e peço a bênção a minha mãe e a minhas tias. Minhas filhas, que estão na universidade, vêm me pedir a bênção.

Acho que o Movimento Negro não pode ser somente de uma forma, de um modelo. Pode ser de várias formas. Mandela tem razão quando diz que quanto mais vozes, mais cabeças, mais pessoas e mais igrejas disserem não ao racismo, com certeza seremos ferramenta melhorada do divino, de Deus, e Zumbi se orgulhará de nós.

Obrigado. Sejam felizes.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero parabenizar o Dr. Aílton Ferreira, secretário municipal da Reparação, e o prefeito João Henrique por essa medida de adotar esse critério na secretaria, porque ataca um dos grandes problemas que tenho falado em outras reuniões aqui. Dr. Almiro Sena também esteve presente a várias discussões a respeito de intolerância religiosa, racismo. E muitas vezes fui até mal interpretado dentro desta Casa quando me pronunciei falando sobre a necessidade de os negros se unirem, independentemente de serem da religião matriz africana ou católicos, evangélicos. Enfim, de qualquer credo religioso, porque o que importa é que somos negros. A opção religiosa não devemos discutir. Temos que respeitar a opção religiosa que cada um fez.

Um grande problema que tenho encontrado aqui, nesta Casa, tem sido este. Já houve muito encontros do Movimento Negro aos quais me fiz presente e procurei falar sobre isso. Alguns até me vaiaram, outros perguntaram: “O que ele está fazendo aqui no nosso meio? Ele não é evangélico, não é da Igreja Universal! O que é que está fazendo aqui no Movimento Negro?”

Então eu senti isso na pele. Já propus diversas vezes fazer uma reunião conjunta com negros evangélicos, negros representantes das religiões de matrizes africanas, de todas as religiões. Não estamos aqui para discutir religião, mas sim a raça, o negro, o direito do negro de ser respeitado. Temos que combater o racismo. Tem que acabar toda espécie de racismo.

Como bem colocou o Dr. Aílton Ferreira, o racismo institucional está presente nas repartições públicas e até mesmo nas empresas privadas, porque o negro ainda tem sido excluído dentro da nossa sociedade. Parabenizo o prefeito João Henrique e o secretário Aílton Ferreira por essa medida tão sábia de incluir também os evangélicos negros no movimento. Movimento esse que não é do evangélico, nem da religião de matriz africana, nem do católico, mas é dos negros. (Palmas) Parabéns prefeito e secretário Aílton Ferreira!

Concedo a palavra ao nosso amigo Ademir Santos, do Movimento Martin Luther King, que é militante do movimento negro, e hoje é cristão. Ele esteve militando

também do outro lado, mas agora ele milita de um único lado, ou seja, do lado dos negros, e na sua vida pessoal ele vive essa fé no Senhor Jesus Cristo.

O Sr. ADEMIR SANTOS:- Boa tarde a todos. Inicialmente, agradeço ao Senhor Jesus Cristo, a Deus, por esse momento, que particularmente é uma vitória. O maior presente que Deus pode ter me dado, hoje, dia do meu aniversário, foi esse encontro. (Palmas) Fiquei sabendo através de Anderson, e passei um e-mail para ele para falar um pouco sobre a Marcha Mundial que ao fim do meu pronunciamento deixarei todos informados.

Quero saudar a Mesa, na pessoa do deputado Ivo de Assis, bem como a todos os presentes, e destacar a importância deste momento. Recentemente, em Brasília, estive representando a Bahia, juntamente com alguns companheiros militantes, negros e negras evangélicos, na 2ª. Conapir, Conferência Nacional de Igualdade Racial, e lá tive uma aproximação com o bispo Marinho.

Estavam reunidos o deputado Ivo de Assis, Anderson e o bispo Marinho. Naquele momento, pensei com alguns companheiros nossos que aquela conferência tinha um papel importante, qual seja, aluta em defesa da igualdade. Mas, fiquei me perguntando como iria incluir os negros evangélicos nas discussões. Senti uma carência de pessoas, ou melhor, de negros evangélicos presentes. Por que? Porque independentemente da religião, da sua opção ou do que você é, precisamos que a juventude esteja presente nos espaços políticos e nas conferências participando e contribuindo para o processo político da sociedade. Fiz uma proposta...

Instituto Martin Luther King é uma organização que funciona há dois anos, e Deus tem colocado no meu coração... Quando me converti, orei a Deus, porque dentro da minha militância anterior andei em todos os espaços, conheço o outro lado, e lá existem pessoas do bem.

Meu primeiro amigo é Jesus Cristo, mas tenho um amigo, chamado Marcos Resende, que preciso fazer uma referência aqui. Na minha conversão ele foi a pessoa que me deu a maior força. Na palavra, em Provérbios 18, versículo 24 o Senhor diz: “Há amigos que nos congratulamos muito, mas há amigos mais chegados que um irmão. Eu tenho essa referência. Ele é também um instrumento utilizado pelo Senhor, e perguntava: “Como vou ficar se não depende mais de mim?” E Deus começou a falar no meu coração: “Você tem que estar aí, você tem que continuar”.

E assim, do Coletivo de Entidades Negras, eu sou um dos fundadores. Há todo um histórico da exclusão das minorias, e o Coletivo é uma organização plural. Eu sou evangélico, sou do Coletivo de Entidades Negras. E o Instituto Martin Luther King tem hoje uma obrigação, como nós estamos fazendo, de ir às comunidades fazer mutirão jurídico e, neste momento, há um companheiro nosso, coordenador do instituto, Tácito, ele também está representando em um ato que está sendo feito agora em defesa da comunidade quilombola na Secretaria da Segurança Pública, pois há negros morrendo na Bacia de São Roque do Paraguaçu. Nós somos poucos, mas entre esses poucos, nós devemos estar unidos. Uma parte da equipe está lá fazendo o trabalho.

Então, eu glorifico o nome de Deus. O racismo não olha qual é a sua opção religiosa. Nós somos hoje aproximadamente 14 milhões de negros, afrodescendentes, evangélicos, e devemos atentar para isso. Nós temos hoje uma ação que deve preservar todo o legado construído pelo povo negro. A nossa cor, a nossa etnia não pode levar a

ser uma separação das desigualdades religiosas. Nós devemos amar. Jesus não fez exceção de pessoas. Tenho o prazer de informar aos nobres companheiros deputados, militantes e secretários a marcha mundial pela paz e pela não-violência, que está presente em 90 países, em seis continentes, e o Instituto Martin Luther King é o responsável por essa organização aqui em Salvador.

Nós estamos envolvendo todas as comunidades, porque a luta de quem clama por paz não pode ter uma direção. A paz está dentro de cada um de nós, que devemos construí-la ao longo dos dias. E o Mundo sem Guerra é uma organização internacional criada há 15 anos. Essa marcha saiu no dia 2 de outubro da Nova Zelândia e aqui no Brasil está chegando no dia 16, em Recife, e dia 17 em Salvador.

Então, eu clamo, peço aos nobres companheiros que participem também em conjunto, nós vamos dar as mãos, um abraço pela paz e pela cultura da não-violência. A própria igreja tem feito esse papel ultimamente, fez um evento que colocou milhares de pessoas, e nós precisamos da participação das igrejas, dos terreiros, de todas crenças que lutam e cultuam a cultura da paz.

Despeço-me dizendo aos senhores que estou muito satisfeito. O maior presente que o Senhor me deu hoje foi estar presente aqui participando com vocês, e o secretário Aílton Ferreira, por quem tenho um carinho e uma estima muito grande, fez referência a um evangélico hoje na representação de uma secretaria. Isso é uma vitória para o nosso segmento, é uma reparação.

Acompanho o deputado Ivo de Assis. Tive o prazer de conhecê-lo durante o debate do Estatuto nesta Casa, na comissão. A partir daí eu o apresentei a Marcos Resende, que me confessou que achou o deputado Ivo de Assis muito legal. Então, começamos a abrir um leque de diálogo, pois precisamos respeitar o outro.

Aguardamos o início de mais uma jornada de diálogos; não vai ficar somente aqui. Acredito, deputado, que devam acontecer vários debates. O Instituto vai realizar, no mês de novembro, um seminário, cujo tema é a importância do negro evangélico na sociedade, nos espaços públicos. Temos essa discussão internamente. Acreditamos que momentos de reflexão, como este, devem acontecer.

Uma referência que eu não poderia deixar de citar é o professor Almiro Sena, que é um grande baluarte nos movimentos, pois orienta e sabe muito bem da importância do coletivo na figura dos seus coordenadores.

Quero aproveitar também, nobre deputado, para comunicar que Marcos Resende receberá, no dia 11 de novembro, a Medalha Zumbi dos Palmares. Ficaremos gratos com a presença do nobre deputado para abrilhantar o espaço.

Muito obrigado a todos. Que Deus abençoe a todos os irmãos presentes.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero registrar as presenças das seguintes Igrejas: Pentecostal Monte Gerezin, Jardim de Deus, Fé Viva, Presbiteriana Renovada, Pentecostal Juízo Final, Pentecostal das Bem Aventuranças, Comunidade Evangélica Vale da Bênção. Pastor Fernando, da Banda dos Tambores Remidos, muito obrigado pela sua presença.

Eu pediria para que sejamos mais objetivos, pois há algumas pessoas da plateia que estão inscritas para falar, como os pastores Dielson Reis, Rogério e Fernando.

Com a palavra o pastor José de Arimateia.

O Sr. JOSÉ DE ARIMATEIA:- Na pessoa do deputado estadual Ivo de Assis eu gostaria de saudar e parabenizar toda a Mesa. Cheguei já no final desta sessão, mas aproveito este momento para dar o meu abraço em todos os presentes.

É muito importante trazer temas como este para esta Casa. O Deus a que nós servimos não faz exceção de pessoas. Deus quando criou o homem não disse se iria ser branco ou negro. Ele criou o homem, como também criou a mulher.

Este é o maior exemplo que temos de seguir: para Deus, todos nós somos iguais; somos homens e mulheres de Deus. E é isso que Deus prega em sua Palavra.

Vejo a importância de trazer isso para esta Casa. Por quê? Para quebrar a barreira que existe, por o negro evangélico ser discriminado em alguns aspectos. Temos que ver o negro como capaz de participar e assumir qualquer responsabilidade, tanto constitucional como religiosa.

Então, deputado, parablenzo V.Ex^a por trazer esta discussão, por ter a coragem de trazer esse tema. Já foi um avanço muito grande.

Com certeza, daqui, como já foi explanado por alguns oradores, sairão outras ideias para que possamos estar unidos em uma só fé.

Desejo a todos uma boa-tarde e fiquem com Deus.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi o pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Agradeço ao pastor José de Arimatéia, vereador de Feira de Santana, que se deslocou do Município de Feira de Santana para estar conosco nesta tarde.

Muito obrigado por sua presença e pelo seu pronunciamento.

Quero comunicar que no próximo dia 21, acontecerá o seminário “O Negro é Livre em sua Opção Religiosa”, no Colégio Estadual Edvaldo Brandão, bairro de Cajazeiras IV.

Mas e o horário? Não foi colocado o horário. Espero que o nosso amigo Ademir diga qual o horário.

Das 9 horas às 17 horas. Então, será quase que o dia inteiro, podemos dizer assim.

Por favor, quem puder, compareça. Vamos prestigiar esse grande seminário.

Faltou também o nosso amigo Ademir dizer qual o horário do encontro que ocorrerá em Salvador no dia 17 de novembro.

Com a palavra o pastor Dielson Reis.

O Sr. DIELSON REIS:- Quero saudar a todos com um boa-tarde, fazendo também menção à Mesa, ao deputado Ivo de Assis, que teve essa iniciativa maravilhosa de fazer esta sessão, essa reunião de família, como ele mesmo falou, com todos nós aqui representados, como pastores também, e dizer que essa reparação também é feita dentro da Igreja.

Sou cristão, evangélico desde 1984. E, hoje, vejo, realmente, um avanço muito grande em relação à representação do negro dentro da Igreja também, porque levar os instrumentos, a cultura negra para dentro da Igreja tem-me deixado muito alegre, muito à vontade. Quando cheguei aqui e vi a dança, a capoeira, isso era um pouco restrito no

que diz respeito à religião, à Igreja.

Essa reparação também é feita dentro da Igreja e fico feliz com isso, desde que todos nós, negros, cidadãos brasileiros estejamos envolvidos nessa causa, porque a Igreja tem um papel fundamental nesse aspecto, por quê? Posso dizer isso com propriedade, porque estou dentro de uma comunidade, Cajazeiras, que é o maior bairro da América Latina. Nós estamos lá, dentro da comunidade, fazendo trabalhos assim...

Ouvi aqui o nosso secretário falando sobre os cursos do Sebrae e outros cursos que ele tem levado à secretaria. Isso é louvável também, e a Igreja tem que estar perto dessas iniciativas, estar conjunto com essas iniciativas. E dizer que, dentro dessa reparação, hoje vendo realmente que a Igreja tem esse envolvimento em trazer também a cultura afrodescendente e de que na nossa Igreja, lá na Igreja Apostólica Arca do Senhor, temos também negros que fazem esse trabalho, porque era também uma discriminação na questão do que diz respeito até há algumas funções, algumas profissões. Por exemplo, lá temos uma negra que é modelo, Alexas Bairon, o esposo dela está aqui hoje e também é modelo, inclusive, num dos shoppings aqui de Salvador. Vocês vão ver a propaganda dela lá, ela fazendo o papel principal da propaganda do shopping. Fico feliz com isso porque esse espaço está sendo dado, esse espaço realmente está sendo valorizado por negro. Ela, infelizmente, não pôde estar conosco aqui por motivo maior, mas é uma negra que já esteve em outros países também e está fazendo um trabalho maravilhoso dentro da nossa comunidade, dentro da nossa Igreja. Eu vejo isso como um reconhecimento, uma valorização de nós como negros, de estarmos participando, nós negros evangélicos de estarmos participando desse movimento maravilhoso que teve a iniciativa do nosso deputado a quem aprendi a amar.

Eu era um pouco céptico, no que diz respeito à política, e ele me ensinou isso também, a estar junto, a Igreja estar junto também da política, porque faz parte disso. Temos que estar em conjunto com o objetivo de, acima de tudo, estar levando à comunidade o conhecimento, o esclarecimento.

Agradeço a todos. Agradeço à Mesa e ao ao Bispo Ivo de Assis, que é o nosso parceiro, guerreiro. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):-Com a palavra o Pastor Rogério, da Igreja Evangélica Providência Divina.

Quero pedir perdão aos nossos amigos porque prolongamos um pouco a sessão. Meu objetivo era começá-la às 14h30min e terminá-la às 16h30min – duas horas de sessão, já estamos indo para 2 horas e meia de sessão. Tenham um pouquinho mais de paciência, daqui há uns 10, 15 minutos no máximo creio que vamos encerrá-la.

O Sr. PASTOR ROGÉRIO:-Quero agradecer ao deputado a oportunidade e saudar a todos da Mesa. Quero ser breve nas palavras. Quero fazer menção, nesta oportunidade, e ressaltar uma filosofia oriental que diz o seguinte: “O passado é história. O futuro é um mistério. E hoje é uma dádiva porque se chama presente.” Hoje é um presente de Deus, dentro dessa filosofia, como foi dito pelo professor, nós estamos fazendo história, não deixando de levar em conta o passado que foi construído pelos nossos irmãos, mas, hoje, temos a oportunidade de estar aqui nesta Casa como

evangélicos para... Antes de fazer esta ressalva, quero deixar uma pergunta no ar: você sabe por que está aqui como evangélico? Para reivindicarmos desta Casa, que se chama do povo, alguns direitos que ainda não nos foram passados. E também fazer uma ressalva ao Sr. Secretário da Reparação que o Evangelho é uma porta e uma oportunidade de reparação para muita gente. Vou falar por mim mesmo até pelo teatro que foi feito e que me emocionou, porque eu passei uma situação como essa. Entrei para fazer parte da seleção de uma empresa de telecomunicação, um emprego bem cotado. Eram trinta vagas para 400 pessoas. E o “negrinho” estava lá – na força de expressão. Quando as pessoas olham para nós, sentimos até meio que envergonhados de estar naquele lugar, achando-nos não dignos, por causa, justamente, do preconceito que existe no meio de universitários, porque naquela época eu ainda não tinha nível superior, ainda me sentia um pouco mais inferior ainda. Mas acreditava em uma capacidade que estava dentro de mim que ninguém podia ver. E o Evangelho faz isso na vida do negro: fortalece a ideia da capacidade pessoal que o homem tem e que às vezes o ambiente externo não lhe facilita demonstrar essa capacidade.

Quero fazer a ressalva de que o Evangelho tem projetos, existem instituições que dão oportunidades aos negros, reparam o dano que foi causado pelo próprio Estado. Por exemplo, entidades que recuperam pessoas das ruas, centros de recuperação. Então, o que quero fazer aqui diante desta Casa é uma proposta a S. Ex^a, Secretário da Reparação, que ele olhe essas instituições carentes.

Existe um centro de recuperação em Nova Brasília mesmo, que, se o senhor for fazer uma visita, há pessoas que foram tiradas das ruas, negros das ruas, que foram excluídos da sociedade, marginalizados e foram abraçados sabe por quem? Pelo Evangelho! Pessoas que não têm remuneração para fazer esse tipo de serviço estão lá reparando um dano causado pelo Estado. Aproveito a presença de S. Ex^a para que o senhor possa de forma carinhosa analisar os trabalhos de recuperação que são feitos. S.Ex^a vai ver que há uma reparação e que precisa de apoio desta Casa Estadual e da Casa Municipal também.

Como pastor evangélico, passei também por muitos momentos de dificuldades e preconceitos. O pastor, para algumas pessoas, como força de expressão, para não usar essa palavra feia que muitos utilizam, porque é um preconceito, mas o pastor tem, sim, sua dignidade de trabalho pela sua chamada e pelo exercício que presta, como cidadão, à nossa Nação.

Como teólogo, quero fazer uma ressalva aqui da questão, do ponto de vista histórico. Os negros evangélicos, não será tão importante, mas quero fazer uma ressalva só para concluir, por causa do tempo, os negros evangélicos não querem brigar com outras religiões. O evangélico quer paz, quer unir, quer abraçar as pessoas, quer abraçar as outras religiões, porque esse é o ensinamento divino, é o nosso ensinamento, é a nossa Fé, e o Senhor Jesus fez essa oração suplicando a paz e que todos fossem um.

Esse é o projeto de Deus, a causa do Evangelho, que pleiteamos aqui nesta Casa, desejamos que esta Casa reconheça as nossas atividades e nos apoie financeiramente, porque é um trabalho voluntário, por amor e precisa de incentivo fiscal para que seja, realmente, muito mais do que é feito. Essa é uma das coisas que reivindicamos: a reparação, o apoio!

Em função desta nobre audiência, em relação ao estatuto, nós não queremos

reivindicar o estatuto, queremos, sim, que o estatuto seja aprovado, porém com as observações que S. Ex^a, na representação dentro do Legislativo, vai fazer em nosso nome, em nome de todo o povo evangélico.

E para concluir o nosso discurso, em virtude da lei, a Constituição Brasileira no seu art. 5º, inciso IV, diz que todos são livres para manifestar-se, sendo vedado o anonimato. Quero fazer aqui a minha manifestação pessoal como direito constitucional, que eu sou negro, sou evangélico e meu nome é Rogério Miranda.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Com a palavra o Pastor Fernando, do Grupo Tambores e Amigos de Itapuã.

O Sr. PASTOR FERNANDO:- Boa-tarde a todos. É uma alegria muito grande estar aqui, na verdade, estaria aqui com os Tambores, tocando, mas infelizmente, não foi possível, e agradeço a oportunidade.

O Dr. Manassés é um amigo de muito tempo. Aliás, há mais ou menos cinco anos estávamos nesta Casa com o Moneba-Movimento Negro Evangélico do Estado da Bahia.

Boa-tarde a todos!

É com muita alegria que venho aqui, rapidamente, para lhes contar um pedacinho da minha história.

Militei no movimento negro durante muito tempo, aproximadamente 20 anos, dos quais 10 como membro e cantor da Banda Olodum, com a qual viajei pelo mundo afora, pregando, levando a cultura da Bahia para fora.

Foi dito aqui pelo meu amigo deputado Eliedson, que acabou de sair, que o negro precisa ser livre para professar a fé, se assim desejar! Acredito que só há liberdade quando o ser humano decide, e o cristianismo é exatamente isto: dá ao ser humano a opção de decidir o que quer seguir. Por exemplo, ninguém é cristão, porque o pai ou a mãe são cristãos! Ninguém pode ser cristão, porque ou é levado para a igreja ou é batizado quando ainda bebê. Diria que cristianismo, de fato, é o cume da liberdade, porque o cristianismo é uma decisão do ser humano, e não adianta ninguém tomar essa decisão por ele.

Pois bem, em 1997, tomei a decisão de entregar-me ao Senhor Jesus. Mas quero deixar muito claro que foi minha a opção de me entregar a Jesus e não me foi feita nenhuma imposição para que deixas sede ser um militante do movimento negro. Passei então a militar no movimento negro com o ministério Tambores de Cristo, que, posteriormente, passou a chamar-se Tambores Ungidos e hoje se chama Tambores Remidos. E uma banda que toca samba-reggae, do qual não posso falar sem citar Neguinho do Samba! Ele, que acabamos de perder sábado passado, foi o meu grande mestre, e tudo aquilo que aprendi com ele, o ritmo percussivo, tenho posto a serviço do reino de Deus.

É uma coisa interessante: precisamos entender que ser cristão não é ser colonizado, e sim catequizado! Mas, durante muito tempo, acharam que deveríamos levar para as pessoas o cristianismo e uma cultura europeia. Hoje, sinto uma imensa satisfação de rodar o Brasil, de norte a sul, tocando tambor e declarando que Jesus

Cristo é o Senhor! Então, meus amigos, posso ser negro, evangélico e fazer uso da minha cultura para louvar, exaltar e glorificar o nome daquele que é o Único digno de honra, glória, louvor e exaltação!

Quero terminar a minha fala dizendo o seguinte: se alguém pensa que cristianismo ou Deus é algo do branco, Deus não é algo do branco, do negro, Deus é, sim, algo de ser humano! Quando falo de Deus, preciso me reportar ao passado e lembrar que quando chama Moisés, aliás, um pouquinho antes de Moisés, quando decide levantar um povo para ser o povo com o qual começaria o seu trabalho na Terra, Deus chama-os a Abraão, que, na sua peregrinação, tem que dar uma passadinha na África. Mais à frente, o povo hebreu, por causa de uma grande fome, se refugiou sabe aonde? Na África. Um pouco mais adiante, vamos descobrir que Moisés, um grande líder, um dos maiores pastores que já pisou esta Terra, se casou com uma negra, e aí não para; lá vem Deus trabalhando na vida dos negros. O grande rei Davi, escrevendo um dos seus salmos, deixa bem claro o seguinte: que Deus tinha um projeto muito grande para os negros e que, sendo a Etiópia, se converteria.

Lá vem Jesus, o salvador da humanidade, e Jesus deixa uma missão para sua igreja. Houve uma festa em Jerusalém. E lá, vinha vindo um homem da África, era um eunuco e trabalhava com a rainha de *Kandás*, e esse homem veio a Jerusalém para celebrar ao Deus da vida. E a Bíblia diz que Deus tira um missionário,- e eu vejo o grande carinho de Deus com os negros-, Deus tira um missionário de uma igreja que estava na cidade fazendo uma grande obra, e diz para ele: “*Desce até o deserto de Gaza porque eu tenho uma grande obra para fazer*”. Que grande obra era essa? Deus queria salvar o negro. Deus tirou aquele homem de uma grande cidade e levou para encontrar-se com um negro, ou seja, Deus ama os negros. E aquele homem foi salvo.

Por fim, quero dizer o seguinte: quando leio o último livro da Bíblia, o Apocalipse, para ser mais preciso, o capítulo 7, me dá uma alegria muito grande no coração, senhoras e senhores, quando a Bíblia diz o seguinte: “*Diante do trono de Deus, estarão anjos, querubins, 24 anciões; haverá o trono de Deus, o trono de Jesus*”. Mas, a minha alegria, é quando diz que também diante desse trono estarão povos, tribos, línguas e nações. Aí, eu tenho a certeza de que, ali estarão homens e mulheres que foram comprados por Deus com o seu sangue. E estaremos lá. E lá para onde nós vamos não haverá discriminação. Aqui temos que passar por tudo isso e temos que ter secretarias de reparação, cotas para negros, como foi falado aqui, e tudo isso é muito bom, mas o mais gostoso é que naquele grande dia, a Bíblia diz que todos aqueles que foram humilhados diante do trono de Deus serão exaltados.

E a maior reparação será feita pelo nosso Deus. Deus seja louvado pela vida de brancos, de negros, de índios, pela vida dos seres humanos, porque Ele morreu pelos seres humanos.

Deus os abençoe.(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Temos um juiz de paz para fazer um pronunciamento, o Sr. Aílton Borges.

O Sr. AÍLTON BORGES:- Quero cumprimentar o deputado Ivo bem como a Mesa, a todos os presentes, quero louvar a Deus por essa iniciativa de tão grande

trabalho. Aos que me antecederam, fica o registro fiel de que, a igreja está preocupada com a situação do negro, sobretudo com a inclusão social. Fica registrado isso, porque sempre somos surpreendidos e somos atacados e em alguns momentos não entendidos, mas a igreja, sim, está preocupada com a questão da inclusão.

Fico observando que quando falo de Martin Luther King, nosso mestre, ele dizia uma coisa interessante quando discursava, muito conhecido, ele dizia que tinha um sonho. Geralmente quando alguém faz citação acerca do seu discurso limita-se a dizer que ele tinha um sonho. Mas eu gostaria de convidar a todos para que havendo oportunidade, façam toda a leitura do texto, porque em um trecho ele disse o seguinte: Eu tenho um sonho. O sonho que ele dizia ter era que suas filhas fossem julgadas não pela cor da sua pele, mas pelo seu caráter.

Muito me emociona estar aqui compartilhando a Mesa como Dr. Almiro Sena, a quem tenho uma grande admiração. Desde moço, tenro na idade, tenho acompanhado pelos meios de comunicação a sua militância e tenha certeza, doutor: o senhor não está só, pois esta bandeira hoje levantada ela não terá tempo de se abaixar, ela será erguida até que o artigo 5º da Constituição Federal seja cumprido, onde diz : “ Todos são iguais perante a lei”. E que essa igualdade venha, mas não fiquemos esperando que ela venha através do discurso, das boas palavras. Ela virá através da nossa luta, através da educação.

Precisamos entender que é preciso fazer apologia à educação, pois nos bolsões da nossa comunidade está o futuro da geração que é a juventude, e essa juventude precisa ser orientada, precisa ser instruída, porque a educação é uma ferramenta fundamental para mudar a história de nossas vidas.

Hoje, numa idade adulta, temos o verdadeiro registro da história, mas, quando éramos crianças tínhamos um registro muito tímido e, posso dizer, com todo respeito, com poucas verdades. Nos ensinavam uma coisa, mas a história nos mostra que era outra. Infelizmente, um século atrás, se abriram as portas das senzalas para que o negro saísse livre, mas fecharam as portas das oportunidades, pois não se deu a esse negro condições de trabalho, reparação para que ele fosse uma pessoa digna.

Então, companheiros, vamos nos levantar, vamos nos impor e vamos fazer valer tudo aquilo que está acontecendo aqui nesta tarde, pois só através da luta alcançaremos o nosso objetivo. E encerro a minha fala parabenizando o deputado Ivo, a quem tenho grande admiração. O senhor está de parabéns e esta Casa também está de parabéns, por ter em seu Parlamento um homem tão envolvido, tão preocupado com a causa quanto o senhor.

Deus o abençoe, a Deus toda a honra, toda a glória e todo o louvor. Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):-O promotor Almiro Sena gostaria de fazer uma colocação antes de encerrarmos a nossa sessão. Ele falará daqui da Mesa.

O Sr. Elias Alves:- Meu nome não foi colocado.

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Fiz menção ali da tribuna ao senhor. Não foi inscrito, quer se inscrever? Então, após o promotor, o senhor faz um pronunciamento breve, por favor.

O Sr. Almiro Sena:- Queria só uma proposição. Na condição de promotor de justiça, tenho o dever de reverberar o anseio da sociedade e nada mais legítimo do que o manifestado formalmente hoje aqui.

Então, diante disso, proponho aos ilustres companheiros e companheiras que desdobremos esta sessão ou esse encontro familiar num próximo encontro familiar logo a seguir no Ministério Público. Conversando com o deputado Ivo e com o Bispo Gutemberg, sugeriu-se a data de 23 de novembro. A proposição é esta, senhores e senhoras de nos reunirmos, o Ministério Público vai oficializar através de convite, mas já sairíamos daqui, pelo menos nós, com esta data acertada, e a minha proposição é que vários dos oradores deste dia se repetissem no evento. Além disso agregaremos outros oradores e a idéia, o Ministério Público vai convidar, porque não poderia ser diferente, representantes de outras religiões, inclusive de matriz africana, católica, judaica e nós faremos no dia 23 um grande evento, desdobrando essa reunião, com um pensamento nuclear. Fique bem entendido: logo, entre todos nós, vamos acertar tudo no sentido de promover efetivamente a união do nosso povo. O pensamento nuclear é esse.

Eu estou até pensando na nomenclatura, vocês podem me ajudar. Pensei: primeiro seminário de promoção do respeito às religiões. Não sei, pode ser algo nesse sentido. A gente pode até trocar ideias, mas a ideia realmente é de fomentar companheiros, a união da população baiana e principalmente da população negra, aproveitando o desdobramento.

Ficamos acertados assim? Tem o compromisso de V.Exas. para dia 23. Só vamos ver o horário de cada um. Vou mandar os ofícios e pedir inclusive à assessoria do deputado Ivo que me passe os contatos do professor Manassés. Do secretário eu tenho, do pastor Ailton, a quem agradeço até pela generosidade das palavras, do bispo aqui, do nosso vereador, e nós aí deflagramos formalmente, mas já está combinado um dia de seminário, de manhã e à noite.

Muito obrigado. (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Vamos avançar! Com toda a certeza, agora vamos avançar! O Ministério Público fazendo essa proposição é um grande avanço para que os negros finalmente tenham a união aqui no Estado da Bahia, porque infelizmente, devido à religião, estava havendo uma certa separação. Então, agora vamos derrubar todas as barreiras religiosas, deixá-las de lado e unir realmente a raça, os negros para que possamos então ter a tão desejada, tão sonhada igualdade racial, e também social, na Bahia.

Para concluir, o pastor Elias Alves Lachet, da Igreja Presbiteriana Renovada. Eu preciso que o senhor seja bem objetivo porque os ônibus da Casa saem às 18 horas. Já são 17h41m, e os funcionários precisam se retirar para pegá-los esvaziando esta sala.

O Sr. ELIAS ALVES:- Não poderia sair daqui sem dar a palavra que vem no meu coração. Quero parabenizar a iniciativa do querido bispo Ivo e todos os irmãos que estão aqui para juntos conosco visualizarmos este ato histórico. Este momento histórico para mim é muito importante porque, quando nós - e estou falando como evangélico - chegamos com a nossa família aqui na Bahia, fomos muito discriminados. E também por meu pai e meu avô serem pastores éramos tachados como ladrões. O pastor não quis falar, e eu gosto de ser aberto com o que vou falar.

Mas sempre sonhamos algo, e esse sonho hoje está se tornando realidade na qual

não só como cristãos, mas também negros, estamos tomando posse da bandeira e Nação a que pertencemos, onde a grande maioria é negra. E prefiro que esses negros não tomem posse desta Nação só com o objetivo deste momento histórico, mas igualmente consigam ir às faculdades, tomar posse das escolas para estudar, e não brincar. Nós temos aí uma Nação grande, rica, poderosa, e vocês têm tudo para se tornar poderosos onde não haja discriminação. Quero da mesma forma que os brancos não fiquem para trás, não! Corram atrás de seus objetivos, vão lutar! Sou branco também, não sou só negro, mas louvo a Deus pela raça negra e quero que vocês lutem por um direito que já é seu por herança.

Deus esteja convosco e que a paz do Senhor esteja em vossos corações! (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Ivo de Assis):- Quero agradecer a presença de todos os amigos que estiveram aqui neste encontro esta tarde, um encontro familiar. E dia 23 teremos, então, uma continuidade dele lá no auditório do Ministério Público. Por favor, gostaria de contar com a presença de todos. Dos pastores Fernando, Lucivaldo, Antônio, Elias, nosso amigo aqui. É preciso todos estarem presentes, professora Osea, que está aqui na primeira fileira, porque é importante, pastor Valdeci, que também está lá atrás, e os jovens que estão aí. Então, no dia 23/11, nós ainda vamos confirmar o horário, o promotor Almiro Sena estará nos passando, e aí vamos divulgar.

Conto com a presença de todos para continuarmos este debate, que será mais amplo, onde teremos também a presença de negros de todos os segmentos religiosos para podermos, então, fazer uma discussão e um debate bem mais amplos, e podermos chegar a este denominador comum, que é a união da raça.

Então, como diz aqui o protocolo, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares, eclesiásticas, imprensa e das Sr^{as} e Srs. Deputados.

Declaro encerrada a presente sessão, em nome de Deus. Boa tarde e obrigado a todos. (Palmas)

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*